

SOBRE TORCEDORES ORGANIZADOS BRASILEIROS EM CONTEXTOS MIGRANTES: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

Recebido em: 12/12/2016

Aceito em: 05/06/2017

Leandro Batista Cordeiro

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)
Diamantina – MG – Brasil

Sílvio Ricardo da Silva

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Belo Horizonte – MG – Brasil

RESUMO: O objetivo do artigo é apresentar pistas e/ou evidências que demonstrem a representatividade da paixão clubística para torcedores organizados brasileiros, que migraram para o exterior, para outros lugares. Para tanto, desenvolvemos um estudo de natureza qualitativa e de caráter exploratório, no qual acessamos páginas virtuais de torcidas organizadas de clubes de futebol do Brasil, sendo encontradas no Facebook: Força Jovem, Boston, USA; Mancha Verde, Londres, Inglaterra; Galoucura, USA; Gaviões da Fiel, Japão; Fla-USA, New Jersey; Os Fanáticos, Londres; Máfia Azul, Boston. Nestas páginas buscamos palavras, expressões e frases capazes de traduzir a representatividade do clubismo para os torcedores organizados migrantes. Concluímos que o torcer, enquanto experiência de lazer, eleva à tona a paixão dos torcedores pelos clubes e tem significados importantes para eles, mesmo em outras coordenadas geográficas.

PALAVRAS CHAVE: Migração. Futebol. Atividades de Lazer.

ABOUT BRAZILIAN ORGANIZED FANS IN MIGRANT CONTEXTS: AN EXPLORATORY STUDY

ABSTRACT: The aim of the paper is to present clues and/or evidences that demonstrate the representativeness of the club's passion for organized brazilian fans, who migrated abroad, to other places. Therefore, we developed a study of a qualitative nature and exploratory character, in which we access virtual pages of organized soccer fan clubs in Brazil, found on Facebook: Força Jovem, Boston, USA; Mancha Verde, London, England; Galoucura, USA; Gaviões da Fiel, Japan; Fla-USA, New Jersey; Os Fanáticos, London; Máfia Azul, Boston. In these pages we look for words, expressions and phrases capable of translating the representativeness of club passion to the organized migrant fans. We conclude that cheering, as a leisure experience, raises the passion of the fans for the clubs and has important meanings for them, even in other geographical coordinates.

KEYWORDS: Migration. Soccer. Leisure Activities.

Introdução

No Brasil, as torcidas organizadas (TO's) remontam à década de 1940, quando então eram denominadas torcidas uniformizadas (TUs), momento em que foram criadas a Charanga do Flamengo e a Torcida Uniformizada do São Paulo.

Conforme Toledo (1996), essas torcidas tinham uma estrutura básica de organização, onde uma só pessoa exercia o comando, conhecida como o *chefe de torcida*.

Não obstante esses dois agrupamentos serem considerados os *precursores* das TO's em território nacional, Toledo (1996) sustenta que os mesmos diferem muito das torcidas organizadas atuais, as quais surgiram (e se institucionalizaram) no final da década de 1960 e início dos anos 70.

A partir dos anos 90 as torcidas organizadas crescem significativamente. De 1991 a 1995, as principais torcidas organizadas de São Paulo, por exemplo, quadruplicam o seu quadro associativo: a Mancha Alviverde, do Palmeiras, *salta* de 4.000 filiados para 18.000, a Independente, do São Paulo, de 7.000 para 28.000 e a Gaviões da Fiel, do Corinthians, de 12.000 para 46.000. Na década seguinte, os números de filiados das torcidas organizadas continuaram subindo, e, em alguns casos, praticamente dobraram (LOPES & CORDEIRO, 2010).

Essa *nova torcida* se caracterizaria em razão de alguns elementos identificadores: não são centradas na figura de uma só pessoa; são compostas, em sua maioria, por homens; são burocratizadas na sua estrutura organizacional; se constituem de maneira estatuída, com presidente eleito para um período determinado, conselho deliberativo, diretoria e sócios; constituem enquanto empresa privada, sem fins

lucrativos; possuem uma sede, onde realizam reuniões, festas e se encontram antes dos jogos; fazem uso vestimentas como, por exemplo, camisetas, bonés e jaquetas, que os identificam.

De acordo com Toledo (1996), ao se institucionalizarem, as TO's buscam um lugar dentro do futebol profissional e da sociedade, no intento de serem conhecidas e reconhecidas como instituições representativas e legítimas de seus clubes (TOLEDO, 1996).

No conjunto dos torcedores organizados brasileiros há aqueles que ultrapassaram nossas fronteiras (jurídicas e simbólicas) e agora se encontram em território estrangeiro.

É o caso, por exemplo, dos inúmeros torcedores que saíram do Brasil em direção aos Estados Unidos da América, Inglaterra, Austrália, França, Portugal, dentre tantos outros países de destino dos migrantes.

Assim, são brasileiros-torcedores que, por motivos diversos, se endereçaram para outros lugares do globo e, portanto, se encontram em latitudes e longitudes distintas das coordenadas de sua origem, o que inevitavelmente proporciona o contato com um contexto histórico, econômico, social e cultural diferente daquele de onde advém.

Nesse cenário, a despeito da distância do seu lugar de origem, algo parece ganhar vivacidade no cotidiano dos torcedores organizados: a paixão pelo clube de futebol.

Dessa maneira, o intento deste artigo é apresentar algumas pistas e/ou evidências que demonstrem a presença do pertencimento clubístico no contexto de torcedores organizados brasileiros, que migraram para o exterior.

Para tanto, acessamos algumas páginas de torcidas organizadas de clubes de futebol do Brasil, as quais foram encontradas no facebook¹, sendo: Força Jovem – Boston, USA; Mancha Verde, Londres, Inglaterra; Galoucura USA; Gaviões da Fiel, Japão; Fla-USA, New Jersey; Os fanáticos, Londres; Máfia Azul, Boston.

No que se refere à organização textual do artigo, o mesmo está dividido em três partes: em um primeiro momento tecemos algumas considerações a respeito do fenômeno migratório, com ênfase para os aspectos históricos e sociais, assim como tratamos dos efeitos da migração no ser do migrante; em seguida refletimos sobre o sentido de lugar no âmbito do processo de migração, a partir do entendimento de que o deslocamento dos sujeitos se dá entre lugares (origem e destino) e, portanto, isso merece nossa atenção; já na terceira parte abordamos o pertencimento clubístico, no intuito de compreender como se dá a vinculação emocional e o comprometimento pessoal dos torcedores com clubes de futebol (e alguns desdobramentos dessa relação) para, ao final, apresentarmos e discutirmos as pistas/evidências encontradas.

Apontamentos sobre o Fenômeno Migratório

Conforme Almeida (2009a) as migrações não podem ser tratadas como uma novidade, visto que os homens sempre se deslocaram. Em cada momento histórico, contudo, elas se diferenciaram nas causas, nas modalidades dos deslocamentos, nas implicações e nos significados a elas atribuídos.

De acordo com Brzozowski (2012) a migração está presente na história do ser humano desde o seu começo, ou seja, o fenômeno em si é tão antigo quanto a nossa própria existência como humanos: as primeiras relações sobre os movimentos populacionais podem ser encontrados na Bíblia e outras fontes históricas da

¹ <https://www.facebook.com>

Antiguidade. O êxodo dos judeus do antigo Egito (aproximadamente em 1200 a.c.) e a migração dos gregos na região mediterrânea (desde 800 a.c.) são apenas alguns exemplos desses processos.

Condição fundadora de nossa espécie - a única a ter colonizado todos os cantos do planeta -, a migração não pode ser vista como anomalia ou exceção, mas sim enquanto regra absoluta que sustentou o inicial processo de hominização, propiciou as bases materiais de nossa capacidade de abstração e continua reformulando o sentido ontológico de/do ser humano e o significado social e histórico do sujeito. Tanto a paleontologia e a biologia, quanto a arqueologia e a historiografia deixam evidente o papel fundamental das migrações na configuração de que veio a ser a Humanidade, na formação e extinção de agrupamentos civilizacionais e na prosperidade e decadência de impérios, reinos e nações (ElHajji, 2013b, p.9)

Segundo ElHajji (2013c) não é mais preciso lembrar que o início de seu processo de hominização se confunde com a história das migrações, as quais começaram há, pelo menos, 70.000 anos, com a saída do homo sapiens da África e seu *enxameamento* pelo mundo. Assim, o referido autor aponta que desde os primeiros agrupamentos e assentamentos humanos, passando pelas primeiras cidades, primeiros reinos e impérios, até a atual configuração do mundo, marcada pela divisão do planeta em estados nacionais, pelo processo de globalização e fluxos transnacionais, a marcha da Humanidade é, literalmente, uma incessante *marcha migratória*.

Que seja na Antiguidade ou na Idade média, na Ásia, África ou Europa, as migrações parecem uma constante geopopulacional que, ao mesmo tempo, reflete e condiciona fatos e episódios históricos dos quais a realidade atual é tributária. A natureza do fenômeno original é a mesma, mas as suas manifestações temporais tomam formas e contornos específicos a cada época e em cada contexto social, político e econômico que o mundo atravessa (ELHAJJI, 2013c, p. 146).

Pelo exposto, podemos afirmar que os homens migraram desde sempre, porém a partir do século XIX é possível constatar a intensificação dos movimentos populacionais no quadro mundial.

Nesse sentido, nos anos 1815-1930 aproximadamente 52 milhões de europeus emigraram rumo a ambas as Américas – incluindo o Brasil. A migração adquire assim caráter maciço, com o século XX sendo descrito por alguns pesquisadores como *época da migração* (CASTLES & MILLER, 2009).

Ainda conforme Brzozowski (2012), durante apenas cinco décadas, o número de migrantes internacionais quase triplicou, de 76 milhões em 1960, para 214 milhões em 2010 (IOM, 2008; DESA, 2009). Nesse período, que abrangeu situações de conflitos militares e civis, descolonização e guerra fria, ocorreram mudanças profundas na economia mundial que também influenciaram o padrão migratório de muitos países e regiões.

Nesse panorama, Almeida (2009b) afirma que vivemos em uma nova era de migrações internacionais, em que se multiplicam as rotas migratórias e surge um crescente número de países sistematicamente implicados nas migrações internacionais. Com isso, prossegue a autora, pode-se dizer que tais migrações mundializaram-se.

Ainda segundo ElHajji (2013c), poderíamos afirmar, a partir de uma análise clássica, que as migrações se devem a motivos materiais concretos. Desse modo, nos primórdios da evolução de nossa espécie, por exemplo, o nomadismo constituía o principal modo de organização social dos povos coletores e caçadores.

Em outras épocas e contextos, a mobilidade humana foi motivada por razões religiosas, de peregrinações à fuga de perseguições; políticas, como a adequação das populações ao novo desenho de países e nações no quadro dos Estados-nações; ou

econômicos, ao exemplo dos movimentos populacionais que seguiram a Revolução Industrial. Fatores que continuam, certamente, fomentando, direta ou indiretamente, partes significativas dos deslocamentos humanos no mundo, mas que, isoladamente, não são mais suficientes para a compreensão da problemática na sua totalidade (ELHAJJI, 2013c).

Por fim, ao fazer referência ao cenário atual, ElHajji dá relevo ao conjunto dos fatos sociais, políticos, econômicos e subjetivos ligados ao fenômeno migratório na contemporaneidade, os quais têm contribuído decisivamente para o deslocamento voluntário ou forçado de centenas de milhões de pessoas para fora de seus países e regiões de origem.

O referido autor aponta alguns aspectos causais relevantes, os quais têm impactado de maneira geral a migração na contemporaneidade: a industrialização e urbanização de grandes regiões do mundo e aumento da pobreza em outras, a recrudescência das guerras e lutas armadas, o declínio da natalidade nos países avançados, o surgimento das migrações planejadas (tanto na Europa, quanto nas Américas), a aceleração e barateamento dos meios de transporte, o avanço do processo de globalização, a revolução tecnológica midiática, a tomada de consciência da possibilidade de mudança da trajetória pessoal e a naturalização de novas formas de desejo, subjetivação e realização pessoal (ELHAJJI, 2013c).

Em outro trabalho, ElHajji (2012) defende que tais fatores acabaram desembocando neste fenômeno pluricultural (incluindo as suas manifestações linguísticas, religiosas, étnicas, etc.) e o instituindo enquanto regra predominante na maior parte do planeta e não mais um fenômeno marginal.

Estatisticamente, isto se traduz pelo fato que a população de migrantes no mundo é estimada, hoje, a mais de 200 milhões de pessoas; centenas de milhões de hibridizações, cruzamentos subjetivos, afetivos, simbólicos, imaginários e materiais. Idas e voltas ou idas sem volta que, a cada troca, enriquecem a experiência humana, a transformam e lhe dão um novo sentido; não apenas para o migrante, mas também para a população local que o recebe e aquela outra que fica na terra de origem. São laços de sentido que se tecem e se densificam, costurando a teia simbólica global que vem cobrindo o mundo e reformulando a sua morfologia social e humana (ELHAJJI, 2012, p.34).

A partir do cenário exposto acima, Wolf (1994, p. 195) destaca que a migração tem se dado em um mundo no qual o

[...] sentido del espacio, de la distancia se han modificado y el tránsito instantáneo entre lugares distantes es como un rasgo comun de la experiencia social. Los confines y limites de las naciones se han vuelto permeables y en ciertos aspectos se han anulado.

Logo, em um contexto marcado pela instantaneidade e permeabilidade (reflexos da globalização e de outros fatores), tem se concretizado em nível mundial o estímulo ao deslocamento de pessoas, em razão de inúmeras e variadas motivações, o que de certa maneira tem influenciado a experiência social de um sem número de indivíduos que se movem de um lugar a outro, dentro de um *espacio cada vez menor*. Nas palavras de Hall (2014, p.48), “[...] na era das comunicações globais, o ocidente está situado apenas à distância de uma passagem aérea”.

Seguindo essa perspectiva, Cresswell (2006) afirma que o que caracteriza a modernidade, de modo geral, é a mobilidade, por causa da *facilidade* de locomoção, de cruzar fronteiras, tendo um fluxo mais intenso de pessoas, mercadorias e informações. Nesta direção, o sujeito que é caracterizado pela mobilidade é o migrante, o qual melhor expressaria a modernidade.

Por seu turno, Brzozowski (2012), agora se apoiando em Sales (1991), sugere que a migração deve ser associada com a crescente interdependência entre nações e países, causada pela expansão do sistema econômico mundial.

Com efeito, o progresso de meios de comunicação (internet, telefonia celular), a redução de custos de transporte (especialmente do transporte aéreo), a expansão das atividades das corporações transnacionais, a gradual redução dos obstáculos (tarifas e medidas não tarifárias, taxas de exportação, subsídios), facilitando a intensificação do fluxo de bens, serviços e de capital entre as economias nacionais, todos esses fatores contribuíram para a intensificação dos movimentos populacionais internacionais (BRZOZOWSKI, 2012).

Seguindo essa linha de raciocínio, Castles (2010) aponta que o século 21 é considerado como uma época de fluidez e abertura, em que as mudanças nos transportes, tecnologia e cultura tornam normal que as pessoas pensem além das fronteiras e as cruzem com frequência.

Tendo em vista o exposto, nos apoiamos em George Martine, ao acentuar que, para o migrante contemporâneo,

[...] seu horizonte é o mundo – vislumbrado no cinema, na televisão, na comunicação entre parentes e amigos. O migrante vive num mundo onde a globalização dispensa fronteiras, muda parâmetros diariamente, ostenta luxos, esbanja informações, estimula consumos, gera sonhos e, finalmente, cria expectativas de uma vida melhor (MARTINE, 2005, p.3).

Portanto, a migração é um processo sócio-histórico complexo, que subjaz inúmeras transformações e que possui múltiplos condicionantes como fatores históricos, a globalização, redes sociais, o desenvolvimento tecnológico, dentre outros elementos. Daí advém o fato da mobilidade espacial ser entendida como uma dimensão transversal

da sociedade, na medida em que atinge distintos aspectos da existência humana: físico e mental; individual e social; local, regional e global etc. (LIMA E SILVA, 2013).

Do ponto de vista dos fluxos migratórios, esse cenário tem favorecido a diversificação dos destinos dos migrantes, que estabelecem criativamente novas conexões ao inaugurarem rotas migratórias. Como resultado, lugares que a princípio estariam distantes tornam-se próximos, ou pelo menos se tornam mais facilmente *conectáveis*. Ao mesmo tempo, os perfis de migrantes são heterogêneos e suas formas de instalação apresentam-se cada vez mais multifacetadas (ALMEIDA, 2014).

Desse modo, independentemente das causas dos deslocamentos humanos, descortina-se um panorama na contemporaneidade onde os movimentos dos atores sociais são diversificados, não homogêneos, com roteiros variados e endereçados a lugares diversos, nas mais distintas latitudes e longitudes do globo terrestre. Isso tudo configuraria um *ser migrante* com diferentes características e aspirações, o que, inevitavelmente, tem implicações sobre o processo migratório.

Na visão de Dal Gallo e Marandola Junior (2010, p.174), “[...] migrar significa adentrar, integrar e interiorizar um dado modo de vida, isto é, adotar dadas práticas (culturais e sociais), ritmos e rotinas diárias associadas a um dado contexto espacial” e, invariavelmente, a inserção no novo cenário sociocultural envolve um inegável impacto subjetivo.

Por isso, para ElHajji (2013b) o destino do migrante não é seu ponto de chegada, ou seja, a terra que o acolhe. O seu destino seria a sua própria condição migratória, sua situação social e existencial de desenraizamento, perda de referenciais culturais e busca

por novos parâmetros de ancoragem no presente, em um *eterno in-between*², com uma frequente superposição de referências e espaços de pertencimento.

Dessa maneira, ao mesmo tempo em que o migrante precisa reinventar a terra de origem para ela continuar viva no seu imaginário, ele ainda precisa inventar o mundo de destino para poder enquadrá-lo simbolicamente nos seus desejos e expectativas (ELHAJJI, 2013a).

É a partir desse panorama que Sayad (1998) compreende o processo migratório, ou seja, tendo em vista o seu *duplo* caráter, na medida em que todo migrante é ao mesmo tempo emigrante (por ter deixado um lugar), e imigrante (por ter chegado a um novo lugar), em um movimento trans-relacionado e notadamente complexo.

Das Interfaces entre Migração e Lugar

Estar em um novo lugar significa situar-se, tecendo um sentimento coerente de estar no mundo *aqui e agora*, como um constante e permanente encontro (DAL GALLO, 2011), um encontro que, em alguns casos, se dá a partir da convivência com outras pessoas da mesma localidade original, ou seja, outros migrantes, assim como são estabelecidas relações com a própria população do lugar de acolhimento.

Por seu turno, Massey (2009, p. 176) afirma que “[...] chegar a um novo lugar quer dizer associar-se, de alguma forma ligar-se à coleção de histórias entrelaçadas das quais aquele lugar é feito”.

Talvez, por isso, a permanência e adaptação do migrante sejam relativizadas em função da simultaneidade de práticas culturais, econômicas, espaciais, tanto individuais quanto coletivas, que permitem a sua inserção no local de destino sem sua aculturação.

² O autor faz referência ao processo constante que subjaz o ser migrante, onde o sujeito é atravessado a todo instante pela sua condição de *estar entre* tempos e lugares.

Assim, os migrantes podem decidir sobre suas relações intersubjetivas e as práticas sociais e culturais que incorporam e colocam em vigor (LEVITT; GLICK-SCHILLER, 2004).

Conforme Carlos (1996, p.20) “[...] é no lugar que se desenvolve a vida em todas as suas dimensões”. Prossegue a autora ressaltando que são as relações que criariam os sentidos dos lugares, na medida em que o lugar só pode ser compreendido em suas referências, que por sua vez seriam produzidas por um conjunto de sentidos, sendo estes impressos pelo uso (CARLOS, 1996). Mas, afinal, ao que realmente estamos nos referindo quando nos remetemos ao termo *lugar*?

Para responder a essa pergunta valer-nos-emos novamente de Carlos (1996), quando a autora destaca que o lugar é o mundo do vivido, onde se formulam os problemas da produção no sentido amplo, isto é, o modo como é produzida a existência social dos seres humanos, visto que o lugar permite pensar o viver, o habitar, o trabalho, o lazer enquanto situações vividas, revelando, no nível do cotidiano, os conflitos do mundo moderno.

Assim, o lugar seria a base da reprodução da vida e poderia ser analisado e compreendido a partir da tríade habitante-identidade-lugar. Nesse sentido, as relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem nos modos de uso, nas condições mais banais, no secundário e no acidental (CARLOS, 1996).

O sentido do lugar é, então, uma construção vivenciada, que brota da unidade encontrada a partir da experiência de existir conjuntamente, de conhecer e ser conhecido (MALPAS, 2008).

Ora, o sentido do lugar emergiria, por conseguinte, a partir de nosso envolvimento com ele, visto que ser e lugar existem num processo de co-constituição,

operado em um ciclo de construção-reconstrução: o ciclo lugar/Eu (*place/self cycle*) (CASEY, 2001).

Daí o envolvimento com o lugar se desdobra em um movimento de transformação e personalização realizado pelos migrantes. Tal movimento advém da conciliação entre a busca do migrante em conservar sua afiliação com os lugares de sua terra natal e o seu envolvimento com o novo lugar (NAGEL; STAEHELI, 2008), em um processo de constante negociação, sempre em andamento, dia após dia.

Tal negociação seria no sentido de buscar uma continuidade do ser a partir das relações que ele mantém no cotidiano, visto que os sujeitos envolvidos nos deslocamentos internacionais trazem como características principais o desejo de manter os laços com os países de origem e de pôr em prática os projetos construídos em relação à localidade de destino.

Portanto, o migrante viveria uma constante negociação entre mundos de referências culturais distintas, ou seja, entre o *aqui* e o *acolá*, onde cotidianamente as fronteiras simbólicas são cruzadas e estas pessoas têm que lidar com um duplo quadro de referência, sentido e pertencimento.

É válido destacar que as fronteiras simbólicas referidas surgem a partir do *movimento* dos migrantes, os quais são interpelados, conseqüentemente, por diferentes complexos culturais localizados, sejam os que *ficaram* no lugar de origem ou aqueles *encontrados* no lugar de destino, ou ambos, simultaneamente, por que não!

Nesse *script*, Goetttert ressalta o seguinte:

[...] poderíamos dizer que a tensão entre a preponderância das relações do lugar de origem sobre as relações do lugar de destino e a preponderância das relações do lugar de destino sobre as relações do lugar de origem, constituem-se como o epicentro da transitividade migratória (GOETTERT, 2009, p.59).

Para efeito de ilustração tomemos como exemplo o caso de um brasileiro, apaixonado pelo futebol e que ao chegar, por exemplo, na Índia, percebe que por lá esse elemento sociocultural não é algo tão presente no cotidiano das pessoas, não sendo uma referência que contribui para identificar e configurar a cultura local, como se dá em nosso país. Estará dado aí o duplo quadro de referência supracitado, afinal, como nos lembra o mesmo autor apontado anteriormente:

[...] a condição de *estar* em um lugar assume relevância bastante distinta de *ser* do lugar: as condições de *ser/estar* podem se apresentar em dissonância ou em desencaixe pelas relações ambíguas – e por vezes até contraditórias – das quais o migrante participa (GOETTERT, 2009, p.58)

Da mesma maneira, Hall nos oferece uma interessante perspectiva, ao afirmar o seguinte:

Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão *unificadas* no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias *casas* (e não a uma *casa* particular) (HALL, 2014, p.52)

Reforçando o que dito anteriormente, DeBiaggi e Paiva (2004) salientam que a inserção de migrantes num contexto sociocultural diferente, e quase sempre adverso, é um processo marcado por conflitos devido à necessidade de conviver com várias normas, valores e identidades e requer constante negociação no cotidiano.

Assim, Carlos (1996) ressalta que o caminho que se abre à análise é pensar o cotidiano, que é tecido pelas maneiras de ser, conjunto de afetos, as modalidades do

vivido, próprios a cada sujeito que habita certo lugar, produzindo uma multiplicidade de sentidos e significados.

A partir disso, Corrêa (2007) destaca a relevância de se analisar os significados que os diversos grupos sociais atribuem, em seu processo de existência, aos objetos e ações em seus espaços e temporalidades.

Ortega (2000) também dá relevo a esse aspecto, ao sugerir que o espaço geográfico está unido ao tempo, sendo uma construção social que muda com a dimensão temporal, tornando-se produto e produtor de relações sociais e não um espaço físico inerte.

Ideia semelhante é apresentada por Goettert, quando ressalta que:

Dividir qualquer movimento, sujeito ou experiência de migração em antes/depois ou aqui/lá, como *universos* distintos, é desconsiderar que os tempos e os espaços também são os próprios movimentos, os próprios sujeitos e as próprias experiências. Ou seja, os movimentos migratórios (os migrantes) são *portadores* de tempos e espaços (temporalidades e espacialidades/territorialidades, se se preferir): os tempos e os espaços não estão fora ou aquém/além dos sujeitos, fundamentalmente, porque tempos e espaços são produções e experiências humanas (GOETTERT, 2009, p.61).

Nesse sentido, Carlos (1996) chama a atenção ao lembrar: é preciso levar em conta que a história (e a história de cada migrante) tem uma dimensão social que emerge no cotidiano das pessoas, no modo de vida, no relacionamento com o outro, entre estes e o lugar, no uso.

Nessa mesma linha de raciocínio, Tuan (1975) assevera o seguinte: o lugar é um centro de significância construído pela experiência do sujeito.

Dessa forma, para entendermos melhor o fenômeno migratório é necessário buscar os significados das experiências localizadas (ou de certas experiências) na vida

diária dos indivíduos migrantes, afinal a experiência migrante é uma experiência geográfica de exploração do mundo, tecida na construção de uma relação existencial que se ampara na coexistência entre o ser e o mundo (DAL GALLO, 2011).

Logo, o sujeito, ao habitar o lugar, atribui diversos sentidos e significados aos objetos com os quais se relaciona, assim como às suas próprias ações. Nesse contexto, o lugar torna-se produto e produtor de relações sociais, visto não ser insensível aos usos que o ser humano faz em seu cotidiano, a partir do seu contato com outros sujeitos, a partir do que Pratt (1999) denominou de *zonas de contato*, ou seja, espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam e se entrelaçam uma com a outra.

A continuação, Dal Gallo e Marandola Jr. (2010) sugerem que deixar seu lugar implicaria numa separação do sujeito de seu mundo de coisas e pessoas, isto é, do seu casulo protetor (GIDDENS, 2002), ou, indo mais adiante, daquilo que nos dá segurança existencial (MARANDOLA JR, 2008).

Portanto, os migrantes seriam atravessados por experimentações disruptivas, tanto no cotidiano na sua relação com pessoas, assim como com o tempo, espaço, língua, clima, alimentação, entre outros aspectos, os quais podem ser consideravelmente impactantes na constituição do *ser migrante*, afinal, os processos de deslocamentos vividos por aqueles que mudam de lugar representariam um forte sentimento de identidade ou identificação com a cultura (país) de origem, sendo este a *comunidade imaginada*, vetor de retorno, lugar de lembranças e memórias (FREITAS, 2013).

Continuando a abordar a relação do migrante com os dois contextos socioculturais, a mesma autora afirma que:

O fato é que essa intersecção cultural e identitária, propiciada no plano físico geográfico pelo dispersamento dos povos que saem de sua terra de origem e passam a viver noutra, não faz com que haja o abandono

das origens. A origem se mantém, mas também se mistura na nova situação de vida apresentada, sendo também modelada pelo desejo de um dia retornar ao seu lugar de origem (FREITAS, 2013, p. 5)

Quanto a esse aspecto, Dal Gallo nos apresenta uma importante perspectiva ao tratar dos impactos que o deslocamento pode causar no sujeito migrante, com ênfase em sua *segurança enquanto ser*.

Se nos propusermos a pensar a condição do migrante e questionarmos sobre seu processo de inserção no local de destino, nos depararemos com um movimento que toca diretamente o ser dos migrantes. O deslocar-se dos migrantes de seus lugares para lugares alheios implica um abalo direto no ser: migrar coloca um questionamento ao ser do migrante, à sua segurança ontológica (DAL GALLO, 2011, p.48).

A nosso ver, entendemos que tal separação teria a potencialidade de provocar um estado de desconforto e insegurança, na medida em que o deslocar-se causaria um distanciamento dos referenciais identitários e o afrouxamento da conectividade/receptividade sujeito-lugar, colocando o indivíduo em um estado momentâneo de suspensão (desenraizamento), o que impulsionaria os migrantes na busca pela recriação de seus lugares e (re) estabelecimento de seus laços afetivos e identitários, no intuito de (re) afirmar seu modo de vida, ou melhor, seu modo de existência (ENTRIKIN, 1980).

Isso ocorre porque as vontades dos migrantes girariam sempre em torno dos referenciais espaciais e culturais vividos pelo ser do migrante, de modo que a narrativa existencial, ou a segurança ontológica possa ser mantida (DAL GALLO, 2011), haja vista que se torna o *outro*, o estranho, o estrangeiro³, isto é, vive o desencontro espacial, cultural, econômico e social (SANTOS, 2008).

³ Vale aqui fazer referência à música “o estrangeiro”, de Caetano Veloso, onde ele faz conjecturas entre o belo e o feio, a partir de olhares conformados/estranhados, dos que “vêm de fora” em contraposição aos “de dentro”. O trecho da música diz o seguinte: O pintor Paul Gauguin amou a luz na Baía de Guanabara.

Nesse panorama, Dal Gallo (2011) salienta que os lugares são sensíveis a emoções, memória, imaginação e intenções dos sujeitos (que são altamente cambiáveis), na mesma medida em que o ser é sensível às inconstâncias dos lugares onde se encontram.

Tal sensibilidade faz com que sujeito e lugar sempre estejam emergindo e vindo a ser. Por isso, no caso do migrante, talvez seja mais adequado utilizar a expressão *estou sendo* e não *eu sou*, em um contexto onde o sujeito deslocado precisa encontrar um equilíbrio entre a fragilidade e a solidez da narrativa, de forma a manter sua segurança ontológica, a partir de certa *ética da contingência* (BITTENCOURT, 2014).

Para tanto, a mesma autora ressalta que o ser migrante tem alguns caminhos; contudo, todos eles envolvem, em alguma medida, o transformar-se, isto é, permitir a si mesmo mudar sua forma de existência e seu ser no mundo, ou resistir e buscar sua coerência narrativa e existencial continuando a ser aquilo que é.

Assim sendo, existem os migrantes que vivenciam e incorporam o lugar de destino, transformando seu ser, isto é, o ser permite-se abrir às experiências do novo lugar, somatizando-as. Tal movimento é recorrente em situações em que a busca do migrante é justamente do novo, um lugar em que ele possa ser diferente.

Por outro lado, há migrantes que vivenciam e experienciam o lugar alheio, mas têm uma menor receptividade ao “*modos operandi*” do local de destino, não se modificando enquanto ser (DAL GALLO, 2011). Tal posição solicita que os migrantes optem por constituir seus lugares em alusão aos lugares de origem, isto é, seus lugares

O compositor Cole Porter adorou as luzes na noite dela. A Baía de Guanabara. O antropólogo Claude Levy-Strauss detestou a Baía de Guanabara: Pareceu-lhe uma boca banguela. E eu menos a conhecera mais a amara? Sou cego de tanto vê-la, de tanto tê-la estrela. O que é uma coisa bela?

vivididos até então, reafirmando seus laços de co-definição, coexistência e pertencimento à terra natal.

Nessas condições, o migrante negociaria diariamente seu pertencimento, numa condição de tensão entre o *aqui*, o estar aqui, e o *lá*, ter deixado lá, o que solicita que ele equilibre as preponderâncias, exigências da terra natal e do novo lugar (GOETTERT, 2009). Nesse contexto, prossegue o autor, a *dimensão subjetiva* de cada migrante assume a centralidade e, conseqüentemente, a experiência migratória tende a variar dependendo de cada sujeito e de como cada um lida com as mudanças, com as permanências, com as distâncias tanto espaciais como temporais.

Talvez por isso o referido autor afirme o seguinte:

[...] o *trânsito* físico é apenas um dos momentos do movimento, implicando, também, em um *trânsito* subjetivo que se aloja no migrante, o perturba positiva ou negativamente, e dele não desgruda. A condição anterior nunca mais será retomada, ao mesmo tempo em que os elementos dessa condição não são enterrados, mas se colocam *sobre* os lugares, participando de uma condição inteiramente *nova*, em que se misturam tempos e lugares (o sentido aqui é de uma dialética entre tempos e espaços distintos, que se moldam em uma síntese na qual o sujeito migrante assume o centro) (GOETTERT, 2009, p.59)

De qualquer forma, ao final e ao cabo, acreditamos que o sentido do lugar suscita um sentimento de bem-estar, *uma sensação de a alma estar sendo nutrida*, visto que é habitando que o sujeito realiza seu modo de ser-e-estar no mundo (MARANDOLA JR., 2008).

No que se refere a torcedores migrantes, acreditamos que o que foi dito nos parágrafos anteriores também se aplica e, mesmo a milhares de quilômetros de distância de sua terra natal, ou seja, do lugar onde vivem e a partir do qual constroem sua identidade enquanto atores sociais, tais sujeitos levam consigo a paixão pelo futebol e pelo clube.

Torcedores Organizados e Paixão Clubística em Contextos Migrantes

Como se forja a paixão por um clube de futebol? Em que situações cotidianas é possível observar essa relação entre determinados sujeitos e os seus clubes do coração?

Visto que o lazer pode ser compreendido como uma necessidade humana e como dimensão da cultura caracterizada pela vivência lúdica de manifestações culturais no tempo/espaço social (GOMES, 2011), acreditamos que as práticas sociais no âmbito do lazer ajudam responder às duas perguntas anteriores, pois vislumbramos o tempo e o espaço social do lazer como o lócus privilegiado onde nasce e emerge o *pertencimento a um clube*.

De acordo com Silva; Souza Neto e Campos (2011), o futebol tem grande destaque entre as várias vivências cotidianas entendidas como momentos de lazer, sendo quase um consenso que esse esporte, com origens na Inglaterra em meados do século XVIII, tenha se tornado uma das principais manifestações culturais (e de lazer) da população brasileira.

Gomes e Faria (2005) ressaltam que o lazer pode ser visto como um emaranhado de sentidos e significados dialeticamente partilhados nas construções subjetivas e objetivas dos sujeitos, em diferentes contextos de práticas culturais, sociais e educativas. As autoras ainda destacam que o lazer participa da complexa trama histórico-social própria de cada realidade e representa um dos fios tecidos, culturalmente, na rede humana de significados, símbolos e significações.

Nessa mesma linha de raciocínio, as autoras ainda sustentam que o futebol:

[...] insere-se nos diversos espaços sociais, mesclando práticas de consumo, de compensação social (transmitindo valores e normas sociais) e de persuasão, de contestação, de desordem/ordem, de conflitos e, também, de vivência lúdica, do âmbito da festa, do encontro etc. Como prática que participa do jogo mais amplo das

relações sociais, ao mesmo tempo em que revela aspectos da sociedade brasileira, o futebol comporta tensões, conflitos, redes de sociabilidade e significados que vão além da bola no pé (GOMES, FARIA, 2005, p.71).

É por esse caminho que perspectivamos a relação entre lazer e pertencimento clubístico, ou seja, como elementos que se entrecruzam e que, juntamente, são importantes quanto à construção subjetiva dos sujeitos, neste caso específico quanto à *identidade clubística*.

Damo, ao abordar o pertencimento clubístico, sugere que se trata de uma forma de vínculo imutável e única, uma relação sentimental que une os torcedores a seus clubes, denotando uma modalidade de envolvimento intensa.

Ela especifica, no espectro do torcer, um segmento de público militante, não necessariamente pela frequência aos estádios, nem mesmo pelo vínculo a grupos organizados, mas pelo engajamento emocional. À diferença dos simpatizantes, que escolhem os times para os quais irão torcer conforme a circunstância, e por vezes as conveniências, razão pela qual o envolvimento raramente se estende para além do jogo, os aficionados seguem uma mesma agremiação durante e vida, estendem as emoções vividas no espaço-tempo do jogo para além dele e por vezes são capazes de atitudes tidas como irracionais (DAMO, 2007, p.52).

Prossegue o autor destacando que uma das características do público futebolístico é o *engajamento*, a partir de uma relação estável com o clube e, às vezes, instável com o time que o representa. Assim, teríamos de um lado o amor ao clube, como algo incondicional, e de outro uma relação passível de oscilações com o time representativo da instituição clubística.

Portanto, se o desempenho do time oscila, a libido dos torcedores também varia, mas o que importa, como traço distintivo do clubismo, é que eles não deixam de ser fiéis ao clube (DAMO, 2005).

A respeito disso, Coelho (2000) faz emergir a lembrança de Bil Shankly, treinador do *super* Liverpool nos anos 70, que teria dito que o clube de futebol não é questão de vida ou morte, é ainda mais importante.

Conforme Damo (1988, p.13)

[...] a iniciação de um torcedor começa pela escolha de um clube para torcer. Esta mobiliza os laços de sociabilidade mais próximos, chegando, em certos casos, a formar torcedores fieis a um mesmo clube por três e até quatro gerações no âmbito de uma mesma família. A mudança de opção é rara e, quando ocorre é permeada por atribulações de toda ordem. Sendo que a primeira dificilmente será esquecida. Sendo assim, o clube do coração deixa de ser uma escolha *ad hoc* e, mesmo levando-se em consideração seus aspectos contingenciais e emocionais, cabe ao torcedor o ônus desta opção. Tudo isso, é claro, de acordo com a importância e o significado assumidos pelo futebol e pela paixão clubística na vida de cada cidadão.

Para Damo (2005) a fidelidade seria um valor indissociável à noção de pertencimento na medida em que cumpre, no clubismo, uma função estabilizadora. Assim, sem a estabilidade dos vínculos entre torcedores e clubes o sistema não se sustentaria, pois é tida como a constante na ordem clubística, determinando que os torcedores se mantenham informados sobre o time que representa o clube, para além do jogo em si, conectando o ordinário e o extraordinário, os bastidores e o espetáculo, as discussões com as emoções, entre outros elementos. Dessa forma, é-nos possível pensar que:

[...] torcer significa "virar, dobrar, encaracolar, entortar", etc. O "torcedor" designa, portanto, a condição daquele que, fazendo figa por um time, torce quase todos os membros, na apaixonada esperança de sua vitória. Com isso reproduz-se muito plasticamente a participação do espectador que 'co-atua' motoramente, de forma intensa, como se pudesse contribuir, com sua conduta aflita, para o sucesso de sua equipe, o que ele, enquanto torcida - como massa de fanáticos que berram -, realmente faz (ROSENFELD, 1993, p.94).

Este *tomar partido* é um dos aspectos fundamentais para a explicação da popularidade do futebol: o fato das equipes representarem identidades – locais, nacionais, étnicas, religiosas, etc. Os exemplos são bem conhecidos, mas o mais importante é perceber que o futebol pode dar muitas vezes um sentido de pertença, de fazer parte de alguma coisa, de um conjunto, algo às vezes raro nas sociedades atuais (COELHO, 2000).

Damo (2005) nos traz uma interessante consideração ao afirmar que é possível considerar um sujeito plenamente socializado para o futebol de espetáculo quando ele tiver experimentado as oscilações decorrentes do fato de pertencer a um clube, propondo o seguinte raciocínio:

Seria dizer o mesmo se afirmado que um torcedor sentirá a pleno o que significa torcer quando experimentar trocar de clube e perceber que isso é demasiadamente custoso ou ainda, tentando gostar de outro, sentir-se tocado pelo antigo clube do coração (DAMO, 2005, p.88).

Sobre a relação entre torcedores e clubes de futebol, Llopis Goig (2013) salienta que a simpatia por um clube de futebol é um dos eixos de interação que articulam as dinâmicas em torno das quais se configuram comunidades de interesses, identificações e estilos de vida, constituindo o que autor denomina de culturas futebolísticas, que em sua visão é conjunto de orientações, práticas e sentimentos cujo eixo central seria a identificação com um clube de futebol.

O referido autor, a partir de Fullerton (2006), aponta que os principais componentes da identificação clubística são a vinculação emocional e o compromisso pessoal (LLOPIS GOIG, 2013).

La *vinculación emocional* consiste en una conexión psicológica que se establece entre el aficionado y el equipo. Se refiere al universo de emociones y sentimientos que envuelven al individuo y le

proporcionan cohesión respecto al grupo de personas que también se identifican con el equipo y en torno a las cuales surge una noción de *nosotros*. Supone la formación de un canal a través de la cual circula esa corriente emocional. Por otro lado, el *compromiso personal* se refiere al conjunto de prácticas individuales y colectivas con las que el aficionado actualiza su apoyo y adhesión al club. Son, por tanto, todos aquellos comportamientos rituales y de consumo que el aficionado lleva a cabo con el objetivo de adherirse y reforzar su relación con el club (LLOPIS GOIG, 2013, p.238)

Portanto, as duas condições apontadas por Llopis Goig são fundantes na constituição do *ser torcedor*: o vínculo emocional e o consequente compromisso pessoal do sujeito com o clube.

Assim, em primeiro lugar o torcedor se conectaria afetivamente ao clube e, em razão disso, teríamos o seu ingresso em um grupo maior de atores sociais, os quais também direcionam seus sentimentos para a mesma instituição clubística. Com efeito, temos os cruzeirenses, vascaínos, atleticanos, gremistas, colorados, corintianos, americanos, palmeirenses, botafoguenses, santistas, dentre outros inúmeros grupos que, nas palavras do autor supracitado, dão concretude à noção de *nós*, ou seja, um sentido de pertencimento coletivo.

A partir da adesão emocional, os torcedores teriam comportamentos concretos que expressariam o apoio ao clube, no intuito de reforçar cada vez mais a relação entre ambos. Tais comportamentos são inúmeros e variados e podem ser observados em diversos tempos e espaços do contexto social.

Nesse sentido, Campos e Silva (2014) sugerem que pensar cotidianamente no seu time, usar as cores do seu clube, ir a um jogo, torcer e enfrentar situações inóspitas, tudo isso faz o torcedor sentir-se um pedaço de seu clube, engajando-se a ele.

Seguindo essa mesma perspectiva, Damo afirma que

[...] um time de futebol, enquanto representação, é tomado como um mediador entre significante - time, camiseta, cores, bandeira, outros torcedores, etc. e um significado - amor/ódio, paixão, entrega, fidelidade e pertencimento (DAMO, 2005, p.71-72)

Por conseguinte, é através da identidade futebolística que os torcedores se *aglutinam* socialmente em torno de um clube. O compartilhamento de representações gera um sentimento de pertença formando-se, assim, as torcidas, que têm por característica a negação de outros clubes. Portanto, a identidade futebolística não se resume apenas a se identificar com um clube, mas também de negar os demais, principalmente os rivais.

No que se refere à identidade, Silva (2004) destaca que a mesma deve ser observada e compreendida a partir da diferença e que ambas são ativamente produzidas, pois não se tratam de criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Logo, somos *nós* que as fabricamos, no *contexto de relações culturais e sociais*. Por isso, prossegue o autor, a identidade e a diferença não podem ser compreendidas fora dos sistemas de significação nos quais adquirem sentido, visto que não são seres da natureza, mas da cultura e dos sistemas simbólicos que a compõem.

Acima de tudo, e de forma diretamente contrária àquela pela qual elas são constantemente invocadas, as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu *exterior constitutivo*, que o significado *positivo* de qualquer termo – e assim, sua *identidade* – pode ser construído (HALL, 2009, p.110).

Silva (2004) chama a atenção para um aspecto relevante no contexto das relações sociais, ao enfatizar que a afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir. Com efeito, dizer *o que somos* significa também dizer *o que não somos* e, por conseguinte, a identidade e a diferença

se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído.

Logo, afirmar a identidade significa demarcar fronteiras e fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora, visto que a identidade está sempre ligada a uma forte separação entre *nós* e *eles*, o que salta aos olhos quando miramos a paixão e identificação dos torcedores pelos clubes de futebol, a partir de uma relação que evidencia que a identidade e a diferença estão inextrincavelmente articuladas ou entrelaçadas em identidades diferentes, uma nunca anulando completamente a outra (HALL, 2014).

Nessa perspectiva, Araújo (2010) sugere que o futebol seria um instrumento de elaboração de diferenças, que atualiza e reafirma a necessidade de que haja outro para que *eu seja* ou, dizendo de outra maneira, de que outro me afirme ao me negar.

Desse modo, Campos (2006) considera que a paixão pelo clube passaria pela negação dos demais e isso se manifesta nesta escolha e na defesa do clube, ou seja, no torcer, haja vista que o sujeito torcedor não é completamente racional e, pois, não enxergaria os fatos com imparcialidade, pois sua paixão o impede. Logo, rejeitaria tudo que não seja ligado ao seu clube, principalmente os outros times, aos quais pode endereçar um sentimento e conduta guiados pelo ódio.

Esa rivalidad constituye una dimensión muy clara de las culturas futbolísticas que se nutren de la memoria histórica de los clubes, algo que va más allá de sus documentos y archivos oficiales, pues es una fuerza que comparten y que proporciona cohesión a sus seguidores (LLOPIS GOIG, 2013, p.238)

Segundo Silva (2004) na medida em que não existiria uma *comunidade natural*, em torno da qual se reúnem as pessoas que constituem um determinado agrupamento nacional, ela precisa ser *inventada, imaginada*. A partir daí, faz-se necessário criar laços

imaginários que permitam *ligar* pessoas que, sem eles, seriam simplesmente indivíduos isolados, sem nenhum *sentimento* de terem qualquer coisa em comum, como a paixão por um clube e a repulsa por outro.

Como salienta Llopis Goig “[...] a simpatía por un club de fútbol es uno de los ejes de interacción que articulan las dinámicas en torno a las cuales se configuran comunidades de intereses, identificaciones y estilos de vida” (LLOPIS GOIG, 2013, p.237).

Damo (1998, p.13) chega a dizer que “[...] como no caso da culinária e do vestuário, somos o que comemos e o que vestimos”, no futebol “[...] somos o clube para o qual torcemos”.

Assim, consideramos e reforçamos mais uma vez a ideia de que o futebol, no Brasil, extrapola seus significados esportivos, invadindo com enorme força o campo cultural e social, construindo paisagens, relações e símbolos e, no contexto do brasileiro migrante, o futebol, enquanto um significante, assim como a identificação clubística, podem desempenhar importantes papéis no processo de manutenção e de reconstrução dos elos culturais e de um sentido de pertença local e/ou nacional.

Isso ocorreria porque pessoas diaspóricas são aquelas que vivem longe de sua terra natal, real ou imaginária, mas a sua origem se mostra ainda enraizada pela língua falada, religião adotada, ou culturas produzidas (o futebol, por exemplo) em meio a um contexto de transnacionalização (FREITAS, 2013).

A partir dessa premissa, nos lançamos à busca de indícios capazes de ilustrá-la; assim, realizamos uma breve varredura pela rede mundial de computadores no intento de encontrar *alguns exemplos* concretos de torcedores brasileiros que, mesmo vivendo

em outros países, têm *o futebol e o clube do coração* como algo que os acompanha, nas mais diversas latitudes e longitudes do globo terrestre.

Dessa maneira, encontramos:

a) Torcida organizadas nos Estados Unidos da América: Flamengo (FLA USA), Vasco (52ª Família Força Jovem Vasco Boston USA), Atlético Mineiro (Galoucura USA) e Cruzeiro (Máfia Azul Boston).

b) Torcidas organizadas em Londres: Palmeiras (Mancha Verde England - Londres) e Atlético Paranaense (Os Fanáticos).

c) Torcida organizada no Japão: Corinthians (Gaviões da Fiel Sub Sede Japão).

Força Jovem – Boston, USA



Fonte: <https://www.facebook.com>

Mancha Verde, Londres, Inglaterra



Fonte: <https://www.facebook.com>

Os fanáticos, Londres



Fonte: <https://www.facebook.com>

Galoucura USA



Fonte: <https://www.facebook.com>

Gaviões da Fiel, Japão



Fonte: <https://www.facebook.com>

Fla-USA, New Jersey

Máfia Azul Boston, USA



Fonte: <https://www.facebook.com>



Fonte: <https://www.facebook.com>

Na perspectiva de Xavier de Brito (2010), encontrar no exterior uma maneira de permanecer ligadas a seu país é o desejo da maioria das pessoas em mobilidade espacial e a forma mais perfeita que toma esse laço é a constituição de uma comunidade, fundada sobre os traços culturais comuns.

A autora ainda destaca que, segundo autores clássicos em sociologia (WEBER, 1974⁴; TÖNNIES, 1977⁵; DURKHEIM, 1967⁶), o laço comunitário é um laço de ordem afetiva e emocional, que assume formas diversas, coletivas ou individuais, desde a manutenção da língua no lar, passando pela construção de diversos tipos de redes de ajuda mútua, até a formação de espaços estruturados para contribuir à função de agregação (XAVIER DE BRITO, 2010).

Nesse caso, vislumbramos o futebol como um elemento que pode contribuir para que tais comunidades existam entre torcedores migrantes no exterior, na medida em que se consolida como um importante elemento da sociabilidade, favorecendo a criação de comunidades afetivas. Com efeito, torna-se um veículo, uma plataforma, uma

⁴ WEBER, M. *Economie et société*. Paris: Plon, 1974.

⁵ TÖNNIES, F. *Communauté et société*. Catégories fondamentales de la sociologie pure. Paris: Retz, 1977.

⁶ DURKHEIM, E. *De la division du travail social*. 8. ed. Paris: PUF, 1967.

linguagem ou mesmo um código universal, capaz de estimular certos comportamentos no dia a dia de sujeitos que atravessaram fronteiras territoriais, jurídicas e simbólicas.

Dessa maneira, acreditamos que certos ritos estabelecidos, a valorização do passado coletivo, assim como formas específicas de sociabilidade, podem colaborar para a recriação de um universo ausente, sobretudo quando em muitos casos o contexto estrangeiro concorre para afastar o migrante do seu mundo de origem.

Nesse cenário, o sujeito migrante procura equilibrar sua inserção no local de destino com seu comprometimento com os referenciais socioculturais e socioespaciais do local de origem e, nessa tessitura, a identificação futebolística e clubística podem desempenhar diferentes e importantes papéis nos contextos diaspóricos.

Isso pode observado, por exemplo, a partir de um importante estudo desenvolvido por Tiesler e Bergano (2012), realizado entre 2007 e 2010 em Hamburgo e na Baixa Saxônia, no qual as autoras concluíram que o futebol português (junto com a gastronomia) surge como espaço sociocultural privilegiado para os migrantes lusitanos, funcionando simultaneamente como um contexto para performances de pertença a Portugal e como espaços sociais para a interação cultural.

No que se refere ao objeto de reflexão do presente artigo, apresentaremos a seguir as *pistas encontradas*, a partir da busca realizada em páginas do Facebook das TO's acima referidas.

Na página da torcida *Os Fanáticos*, do Clube Atlético Paranaense, com sede em Londres, Inglaterra, nos deparamos com algo bastante representativo, quando se trata da relação entre torcedores e clubes de futebol, se não vejamos:

Fan page criada com o intuito de organizar encontros de atleticanos que moram ou vem passear no Reino Unido, para assistir aos jogos do querido Furacão, mostrar para o mundo o orgulho de ser rubro-negro,

e pra quem está longe ha algum tempo, matar um pouco a saudade da nossa família atleticana. (<http://www.facebook.com> grifo nosso).

Já na página da torcida Jovem, do Clube de Regatas Vasco da Gama, com sede em Boston, Estados Unidos da América, encontramos o seguinte: “[...] torcedores que estão fora do Brasil, que representam o nome da Força Jovem, onde quer que vão; Vasco por amor, Força Jovem por ideal” (<http://www.facebook.com>).

Por seu turno, a torcida Mancha Verde, da Sociedade Esportiva Palmeiras, também com sede na capital inglesa, informa o seguinte no item descrição curta: “Representando a S.E. Palmeiras na Inglaterra desde 2007” (<http://www.facebook.com>).

Na página da torcida Fla-USA, do Clube de Regatas do Flamengo, localizada na cidade norte americana de New Jersey, também foi possível encontrar uma pista significativa no que tange às conexões clube-torcedor e vice-versa. Assim, segue abaixo um título conferido à referida torcida, pela então presidente do Flamengo, Patrícia Amorim, o qual confere à Fla-USA o título de embaixada da nação rubro-negra.

Título conferido pelo Clube de Regatas Flamengo à FLA-USA, New Jersey.



Fonte: <http://www.facebook.com>

Por sua vez, a torcida Gaviões da Fiel, do Sport Club Corinthians Paulista, também no item descrição curta em sua página no Facebook, nos oferece mais uma pista quanto à representatividade clubística para torcedores organizados migrantes, ao destacar o seguinte: “Gaviões da Fiel Sub Sede Japão - Amor sem Fronteiras” (<http://www.facebook.com>).

A Galoucura USA, torcida organizada do Clube Atlético Mineiro nos Estados Unidos da América, faz uma *chamada* aos torcedores atleticanos que vivem neste país, ao colocar o seguinte texto em sua página: “Você vive nos Estados Unidos mas o seu coração está em Minas?! Junte-se a nós! Vamos mostrar o nosso orgulho preto e branco para o mundo! É GALOUCURA USA!” (<https://www.facebook.com>).

Por fim, a torcida Máfia Azul, do Cruzeiro Esporte Clube, com sede em Boston, Estados Unidos da América, convocando a *nação azul* para o jogo contra o Coritiba,

pelo Campeonato Brasileiro de 2016, apresenta o seguinte convite em sua página no facebook:

Convite endereçado aos torcedores cruzeirenses que vivem nos Estados Unidos para acompanharem o jogo entre Cruzeiro e Coritiba, válido pelo Campeonato Brasileiro/2016



Fonte: <http://www.facebook.com>

O que encontramos nas páginas do Facebook das TO's pesquisadas são pistas e/ou evidências que sinalizam a representatividade do clube de futebol para torcedores de clubes brasileiros, que migraram para terras estrangeiras.

Assim, consideramos que alguns termos e/ou expressões saltam aos olhos, dentre as quais destacamos as seguintes: pra quem está longe ha algum tempo, matar um pouco a saudade da nossa família atleticana; torcedores que estão fora do Brasil, que representam o nome da força jovem; representando a S.E. Palmeiras na Inglaterra; embaixada da nação rubro-negra; amor sem fronteiras; você vive nos Estados Unidos mas o seu coração está em Minas?; junte-se a nós; mostrar para o mundo o orgulho de

ser rubro-negro; vamos mostrar o nosso orgulho preto e branco para o mundo; vamos mostrar a nossa força e a nossa torcida mesmo de longe.

Dessa maneira, a partir dos autores nos quais nos sustentamos e dos achados nas páginas do facebook das TO's pesquisadas, entendemos que a paixão clubística dos torcedores organizados investigados ganha vivacidade no cotidiano desses sujeitos, os quais ultrapassaram nossas fronteiras geográficas, jurídicas e simbólicas.

Com efeito, alguns aspectos nos chamaram a atenção, como o pertencimento a uma comunidade imaginada de sentimento compartilhado que ultrapassa fronteiras, os compromissos assumidos frente ao clube do coração e frente aos demais torcedores que também vivem no exterior, o papel do clube quanto à sociabilidade no estrangeiro, o vínculo com o lugar de origem mediante a relação afetiva com o clube, o uso da internet como veículo de informação e comunicação entre os torcedores organizados migrantes, assim como o desejo de *acompanhar, representar e estar junto* ao clube, mesmo que este esteja *acolá*.

Assim, postulamos que tais aspectos vêm à tona *pari passu* às pistas encontradas nas páginas do Facebook das TO's, visto que se apresentam enquanto plataformas de contato entre torcedores, funcionamento de certa maneira como uma *caixa de ressonância*, onde os seus sentimentos e compromissos assumidos pelo clube são expressados e reforçados.

A partir do estudo exploratório realizado, podemos considerar que torcer por um clube de futebol, enquanto experiência de lazer, pode ter significados importantes no cotidiano de torcedores e/imigrantes, algo que merece atenção por parte dos pesquisadores que lançam seus olhares sobre a tríade pertencimento clubístico no futebol, lazer e migração.

Considerações Finais

Inicialmente *navegamos!* Erguemos a âncora e nos lançamos ao *mar virtual* no intuito de encontrar pistas que pudessem evidenciar a paixão de torcedores organizados migrantes por clubes brasileiros de futebol.

Posteriormente, apresentamos o *tesouro* encontrado, na medida em que nas páginas do facebook de algumas TO's foi possível achar aquilo que procurávamos, ou seja, indícios capazes de confirmar as nossas expectativas: os torcedores organizados, quando vivem em solo estrangeiro, têm o clube do coração como algo relevante em suas vidas de e/imigrantes.

E, ao final, esperamos traçar outros trajetos e buscar *conquistar* outros objetivos, talvez mais audaciosos, indo em direção a diferentes lugares, encontrar outros sujeitos e, quiçá, achar novas pistas, que nos ajudem a responder *novas* perguntas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. G. Diáspora: viver entre-territórios. E entre-culturas? In: SAQUET, Marcos A.; SPOSITO, Eliseu S. (Org.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009a.

_____. As ambiguidades do ser ex-migrante: o retorno e o viver entre territórios. In: _____. (Org.). **Territorialidades na América Latina**. Universidade Federal de Goiás: Goiânia, 2009b.

_____. O fluxo migratório Brasil-França na “era da mobilidade”. **Revista PerCursos**. Florianópolis, v. 15, n. 28, p. 62 - 94. jan./jun. 2014.

ARAÚJO, R. B. **Futebol e política continuam a caminhar juntos**. ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 34, Caxambu. Esporte e sociedade. **Anais...Caxambu**, 2010.

BITTENCOURT, R. N. Stuart Hall e os signos da identidade cultural na pós-modernidade. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 154, Mar. 2014, p.129-138.

BRZOZOWSKI, J. Migração internacional e desenvolvimento econômico. **Estudos avançados**, v.26, n. 75, p.137-156, 2012.

CAMPOS, F. R. G. **A construção do espaço de representação do futebol em Curitiba-PR**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, 2006.

CAMPOS, P. A. F.; SILVA, S. R. Paixões e Identidades. In: OLIVEIRA, L. J. **Belo Horizonte F.C: Trajetórias do futebol na capital mineira**. 2. ed. Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura; Museu Histórico Abílio Barreto, 2014.

CARLOS, A.F.A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CASEY, E. Between Geography and Philosophy: what does it mean to be in the place-world? **Annals of the Association of American Geographers**, v. 91, n. 4, 2001. p.683-693.

CASTLES, S.; MILLER, M. **The age of migration. International population movements in the modern world**. 4. ed. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2009.

_____. Entendendo a migração global: uma perspectiva desde a transformação social. **Rev. Inter. Mob. Hum.**, Brasília, v. 18, n. 35, p. 11-43, jul./dez. 2010.

COELHO, J. N. Paixão f.c., a equipa de todos nós: futebol, identidades, significados e representações sociais. CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, 4. Coimbra. **Anais...** Coimbra, 2000.

CORRÊA, R.L. A geografia cultural e o urbano. In: CORRÊA, R.L; ROSENDAHL, Z. **Introdução à geografia cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CRESSWELL, T. **On the movie: mobility in the modern western world**. London: Routledge, 2006.

DAL GALLO, P. M. Lugar e identidade na experiência migrante: entre eventualidade e transitoriedade. **Geograficidade**, v.01, n.01, Inverno 2011, p. 44-58.

_____; MARANDOLA JUNIOR, E. J. O METODO DO DIARIO: buscando a experiência de ser migrante. **Ateliê Geográfico**. Goiânia-GO, v. 4, n. 3, ago/2010, p.173-185.

DAMO, A. S. **Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. Porto Alegre: 1998.

_____. Bons para torcer, bons para se pensar: os clubes de futebol no Brasil e seus torcedores. **Motus Corporis: Revista de Divulgação Científica do Mestrado e Doutorado em Educação Física**. Rio de Janeiro RJ, v.5, n.2, Nov/1998, p. 11-48.

_____. **Do dom à profissão: uma etnografia do futebol do espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. 2005. 403f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

_____. **Do dom à Profissão**: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Aderaldo & Rithschild Ed., Anpocs, 2007.

DEBIAGGI, S.D; PAIVA, G.J (Org.). **Psicologia, E/Imigração e Cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

DESA. **Trends in International Migration Stock**: the 2008 Revision. Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais da Organização das Nações Unidas. New York: United Nations, July 2009.

DURKHEIM, E. **De la division du travail social**. 8. ed. Paris: PUF, 1967.

ELHAJJI, M. Rio de Janeiro – Montreal: Conexões transnacionais / Ruídos interculturais. In: COGO, D; ELHAJJI, M; HUERTAS, A. **Diásporas, migrações, tecnologias da comunicação e identidades transnacionais**. Bellaterra: Institut de la Comunicació, Universitat Autònoma de Barcelona, 2012.

_____. Migrações internacionais, fuga das mentes e corrida dos cérebros: custos materiais, benefícios simbólicos e dúvidas existenciais. In: Araújo, E; FONTES, M; BENTO, S. **Para um debate sobre Mobilidade e Fuga de Cérebros**. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho, (Eds.), 2013a p. 125-137. Disponível em : http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/article/viewFile/1575/1489. Acesso em: 12 mar. 2016.

_____. **Cadernos do estrangeiro**: Destinos migratórios - desejos individuais, projetos comunitários. Organização Mohammed ElHajji e Luana Balthazar. Volume 1, Rio de Janeiro: , 2013b.

_____. Comunidades diaspóricas e cidadania global: o papel do intercultural. **Esferas**. Rio de Janeiro, ano 2, n.3, jul/ dez, p.145-151, 2013c.

ENTRIKIN, J. N. O humanismo contemporâneo em Geografia. **Boletim Geografia Teorética**. Rio Claro, v. 10, n. 19, p. 5-30, 1980.

FREITAS, R.B. Identidade e diáspora: a redefinição identitária de estudantes africanos no Brasil. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 145, Jun., 2013.

FULLERTON, S. **Sports Marketing**. New York, USA: McGraw-Hill/Irwin, 2006.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GOETTERT, J. D. Gentes, migração e transitividade migratória. **Espaço Plural**, v. 10, n. 20, p.53-62, 2009.

GOMES, A. M. R.; FARIA, E. L. **Lazer e diversidade cultural**. Brasília: SESI/DN, 2005.

GOMES, C.L. Estudos do Lazer e geopolítica do conhecimento. **Revista Licere**. Belo Horizonte, v.14, n.3, p.1-25, set./2011.

HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 103-133

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva & Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

IOM. World Migration 2008. **Managing Labour Mobility in the Evolving Global Economy**. Geneva: International Organization for Migration, 2008.

LEVITT, P; GLICK-SCHILLER, N. Conceptualizing simultaneity: A transnational social field perspective on society. **International Migration Review**, v. 38, n. 145, p. 595-629, 2004.

LIMA, M.C; SILVA, C.C.S. A Relevância das Novas Mobilidades e a Pertinência dos Métodos Móveis. ENCONTRO DA ANPAD, 37, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2013.

LOPES, F.T.P; CORDEIRO, M, P. Torcidas organizadas do futebol brasileiro: singularidades e semelhanças com outros grupos de torcedores da América do Sul e da Europa. **Revista Espaço Acadêmico**, n.104, 2010, p. 75-83.

LLOPIS-GOIG, R. Identificación con clubes y cultura futbolística en España. Una aproximación sociológica. **RICYDE. Rev. int. cienc. deporte**. Madrid, v. 33, n. 9, p. 236-251, 2013.

MALPAS, J. **Heidegger's Topology**: Being, Place, World. Massachusetts: MIT press, 2008.

MARANDOLA JR., E. Insegurança existencial e vulnerabilidade no habitar metropolitano. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v.18, n.29, p.39-58, 2008.

MARTINE, G. A globalização inacabada. Migrações internacionais e pobreza no século 21. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.19, n.3, p.3-22, jul./set. 2005.

MASSEY. D. **Pelo Espaço**: Uma Nova Política da Espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

NAGEL, C. R.; STAEHELI, L. A. Integration and the negotiation of 'here' and 'there': the case of British Arab activists. **Social & Cultural Geography**, v. 9, n. 4, p. 415-430, 2008.

ORTEGA, G. U. Identidade cultural, território e lazer. In: SESC/WLRA. **Lazer numa sociedade globalizada**. São Paulo: SESC, 2000. p. 165-178.

PRATT, M. L. **Os olhos do império**: Relatos de Viagem e Transculturação. Bauru: EDUSC, 1999.

ROSENFELD, A. **Negro, macumba e futebol**. São Paulo: USP/Unicamp/Perspectiva, 1993.

SALES, T. Novos fluxos migratórios da população brasileira. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v.8, n.1/2, p.21-32, 1991.

SANTOS, R. J. (Re)ocupação do cerrado: novas gentes, outras identidades. In: ALMEIDA, M. G. de; EGUIMAR, F. C.; HELAINE, C. B. (Org.). **Geografia e Cultura: os lugares da vida e a vida dos lugares**. Goiânia: Vieira, 2008. p. 98-136.

SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo, Edusp, 1998.

SILVA, T.T. Quem precisa de identidade? In: _____. **Identidade e diferença - a perspectiva dos Estudos Culturais**. 5. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2004.

SILVA, S.R.; SOUZA NETO, G.J; CAMPOS, P.A.F. Lazer, torcidas e futebol. In: IZAYAMA, H.F; SILVA, S.R. **Estudos do Lazer – um panorama**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

TIESLER, N.C; BERGANO, N.A. Ligações culturais entre portugueses na Alemanha: o futebol e a gastronomia como espaços sociais para convívios internacionais. **Etnográfica**. Lisboa, v.16, n.1, p.117-142, Fevereiro de 2012.

TOLEDO, L.H. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados, 1996.

TÖNNIES, F. **Communauté et société**. Catégories fondamentales de la sociologie pure. Paris: Retz, 1977

TUAN, Yi-Fu. Place: an experiential perspective. **The Geographical Review**, v.6, n.2, p. 151-165, 1975.

WEBER, M. **Economie et société**. Paris: Plon, 1974.

WOLF, M. Los medios de comunicación en la estructuración de la identidad colectiva: la coexistencia de lo contradictorio. **Comunicación Social**, Madrid, p. 195-198, 1994.

XAVIER DE BRITO, A. Habitus de migrante: Um conceito que visa captar o cotidiano dos atores em mobilidade espacial. Brasília, **Revista Sociedade e Estado**, v. 25, n. 3, Setembro/Dezembro, p.431-464, 2010.

Endereço dos Autores:

Leandro Batista Cordeiro
Educação Física/UFVJM
Rodovia MGT 367, KM 583, 5000, Alto da Jacuba,
Diamantina – MG – 391000-000
Endereço Eletrônico: leoufvjm@gmail.com

Silvio Ricardo da Silva
EEFFTO/UFMG
Av. Antônio Carlos 6627 – Pampulha

Leandro Batista Cordeiro e
Silvio Ricardo da Silva

Sobre Torcedores Organizados Brasileiros em Contextos Migrantes

Belo Horizonte – MG – 31270-901
Endereço Eletrônico: prof.srs@gmail.com